

O Tratado do Eliseu e as suas lições para o Mercosul

Antônio Carlos Lessa*

É um fato conhecido por todos os que acompanham as desventuras do Mercosul dos últimos anos, que a integração na região não avançou não apenas por causa das crises econômicas que varreram os países membros, com efeitos devastadores sobre alguns dos mais importantes parceiros, como a Argentina, mas também porque os governos nacionais insistiram num caminho bastante conservador para perseguir a integração. Assim, em lugar da esperada integração econômica, que levaria no médio prazo ao fortalecimento das empresas da região pelo engrandecimento dos mercados consumidores, que deveria se dar pela crescente integração produtiva, insistiu-se na integração comercialista, que produziu excelentes índices no comércio exterior, mas que não resistiram às crises cambiais que se tornaram características nos países da região. Enquanto isso, ainda que alguns setores viessem insistindo na necessidade de se dar início a uma nova perspectiva de integração, como a cultural, muito pouco foi feito nesse sentido.

Por outro lado, a crise que se experimenta no Mercosul pode ser o motivo esperado para que se dê início a uma ambiciosa vertente de integração cultural, que não deve se resumir à visão das denominadas indústrias culturais (espetáculos culturais, indústria editorial, multimídia, cinema e vídeo, etc) – e nesse campo, já há muito a ser feito – mas que pode ser alargado até chegar a ambiciosos programas de mobilidade que facilitem a aprendizagem direta das culturas nacionais pelo simples convívio a ser proporcionado aos estudantes de diferentes idades e aos profissionais de diversos setores por meio do intercâmbio e da criação de facilidades que lhes permitam conhecer as realidades nacionais e partilhar

com colegas de outras nacionalidades uma visão do futuro comum que têm os países do Mercosul.

Esses programas têm uma história antiga e de muito bons resultados que remonta à construção da parceria entre a França e a Alemanha após a Segunda Guerra Mundial, a partir de quando os líderes dos dois antigos países inimigos decidiram que para consolidar e dar densidade à integração econômica que estava sendo implementada na Europa Ocidental, era necessário superar a história de rivalidades e ódios que separou os provos dos dois principais países do Mercado Comum Europeu, levando-os a se conhecerem e a perceberem que não eram apenas vizinhos, mas que enfrentavam os mesmos problemas e que tinham um futuro comum. Foi a partir de 1963, no âmbito dos denominados Acordos do Eliseu – assinados pelo Presidente da França, Charles de Gaulle e pelo primeiro-ministro da Alemanha, Konrad Adenauer, e cujo quadragésimo aniversário foi comemorado em todo o mundo em fevereiro do corrente ano –, que foi estabelecido um escritório franco-alemão para a juventude, encarregado de implementar programas de intercâmbio entre estudantes de escolas primárias, secundárias e universitários entre os dois países, que prepararam o terreno para o posterior envolvimento de agremiações esportivas, de grupos culturais, de trabalhadores dos mais diversos setores, de professores, de sindicalistas, etc. Estabelecia-se, a partir daí, um dos vetores mais importantes da bem-sucedida integração europeia, que é justamente o entrelaçamento das sociedades europeias em torno de causas comuns, que ultrapassam as rivalidades do passado para se dedicarem, solidariamente, à construção de condições definitivas para a prosperidade material que é, afinal

* Professor de Relações Internacionais da Universidade de Brasília e editor-geral de RelNet – Site Brasileiro de Referência em Relações Internacionais (<http://www.relnet.com.br>).

de contas, o objetivo último de qualquer processo de integração econômica.

Muito se tem debatido nos últimos anos sobre os problemas do Mercosul, cujo aprofundamento esbarra em obstáculos que parecem, por vezes, serem intransponíveis, dado o desafio de coordenar as políticas macroeconômicas dos países membros e de devolver ao comércio regional o dinamismo conhecido

na sua era de ouro, mas pouco se tem aprendido com as lições dadas pela Europa, e particularmente, com a necessidade de se avançar muito além da economia, para criar uma verdadeira comunidade cultural na região. Não seria este um excelente caminho para o início da construção da nossa comunidade mercosulina?



Assine a Revista Brasileira de Política Internacional – RBPI

Assinatura Anual (2 Edições)

Brasil: R\$ 30,00

Exterior: US\$ 30,00

Envie o cupom de assinatura e a forma de pagamento escolhida (cheque ou cópia de depósito bancário) para:

Instituto Brasileiro de Relações Internacionais – IBRI

Caixa Postal 4400 – 70919-970 – Brasília-DF – Brasil – Telefax: (55 61) 307 1655

E-mail: ibri@unb.br <http://www.ibri-rbpi.org.br>

Cupom de Assinatura:

Nome: _____

Instituição: _____

CPF: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ CEP: _____ Cidade: _____ UF: _____

Tel.: () _____ Fax.: () _____

País: _____ E-mail: _____

Período de assinatura: () 1 ano () 2 anos () 3 anos () 4 anos () 5 anos

Envie junto com este cupom depósito bancário no valor da(s) assinatura(s) em favor do **IBRI – Instituto Brasileiro de Relações Internacionais**, efetuado na conta 437552-1, agência 3603-X, Banco do Brasil.